



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A RESISTÊNCIA PORTUGUESA EM SÃO PAULO: O JORNAL
PORTUGAL DEMOCRÁTICO E A COLUNA “O OBSCURANTISMO
SALAZARISTA” (1964 - 1970)**

Thaís Teixeira Dias da Conceição*

Esta pesquisa, ainda em curso, pretende discutir a visão dos exilados portugueses sobre o regime salazarista e a inserção dos intelectuais exilados na vida paulista, através do jornal *Portugal Democrático* e da coluna “O Obscurantismo Salazarista”, presente neste jornal durante os anos de 1964 até 1970, e escrita pelo exilado e então professor da Universidade de São Paulo Joaquim Barradas de Carvalho.

O jornal foi fundado em 1956, por exilados portugueses na cidade de São Paulo, e circulou até o ano de 1975, um ano após o fim do regime autoritário em Portugal. O jornal tinha a intenção de informar a comunidade portuguesa residente no Brasil e em outros países, os acontecimentos ligados ao salazarismo. Ele se tornou um importante veículo de informação para os portugueses anti-salazaristas, sendo o periódico referente a assuntos portugueses que circulou por mais tempo fora de Portugal, e que não sofreu com a censura salazarista.

O editorial do *Portugal Democrático* quase em sua totalidade é formado por intelectuais, historiadores, escritores, engenheiros, jornalistas. Portanto a questão da censura e da repressão aos intelectuais está bastante presente em suas páginas. Sendo a

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

coluna “O Obscurantismo Salazarista”, escrita pelo historiador português Joaquim Barradas de Carvalho, dedicada a expor esses problemas que sofrem os intelectuais portugueses, mostrando principalmente que a perseguição sofrida pelos intelectuais portugueses, acabou prejudicando Portugal e principalmente suas universidades. Segundo Joaquim Barradas de Carvalho em sua coluna no jornal *Portugal Democrático*:

Em mais de trinta anos de regime salazarista a universidade portuguesa tem sofrido golpes só comparáveis aos sofridos pela universidade alemã nos tempos de Hitler, pela universidade italiana nos tempos de Mussolini, ou pela universidade espanhola no período de instauração do regime de Franco... Mas se o regime salazarista não distinguiu entre os credos políticos e religiosos, alguma coisa ele distinguiu, e bem: a competência científica e docente dos atingidos. Não sofre dúvidas para ninguém, nem para a própria minoria salazarista, que os demitidos parecem ter sido cuidadosamente escolhidos entre os melhores quadros científicos e docentes das já pobres universidades portuguesas.¹

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Os estudos sobre imigração portuguesa em São Paulo são bastante recentes, a historiografia paulista até então privilegiava outros grupos imigrantes, como italianos e japoneses. E os estudos sobre imigração portuguesa se concentravam no Estado do Rio de Janeiro. E na cidade de São Paulo as pesquisas sobre esse tema se concentram nas épocas das maiores chegadas de portugueses, na época do fim da escravidão, da grave crise econômica de Portugal, e nas épocas da 1ª e 2ª Guerras Mundiais.²

A imigração portuguesa para São Paulo, e para todo o Brasil, é continua desde a época do descobrimento. Tendo em alguns momentos um alto número de entradas como entre os anos de 1901 e 1930, quando 754.147 portugueses chegaram ao Brasil. Nas décadas seguintes o número desses imigrantes cai radicalmente, apesar de serem anos de grandes complicações políticas, e da implantação do Estado Novo Português pelo governo salazarista, as quatro décadas seguintes somam a chegada de 439.101 imigrantes portugueses no Brasil.³ Essa queda no número de imigrantes na década de 30 está ligada a política restritiva à imigração e de valorização do trabalhador nacional feita por Getúlio

¹ *PORTUGAL DEMOCRÁTICO*; número 85, página 2, agosto de 1964.

² MATOS, Maria Izilda Santos de. “Portugueses: Deslocamentos, Experiências e Cotidiano. São Paulo Séculos XIX e XX”. Bauru: EDUSC, 2013.

³ Dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: 2000.

Vargas. Após o fim do governo Vargas e o fim da 2ª Guerra Mundial a imigração de Portugueses para o Brasil é retomada. Nesse momento o polo de atração passa a ser a cidade de São Paulo e não mais o Rio de Janeiro, devido ao início da intensa industrialização em São Paulo, a partir da década de 1940. Durante todo esse período a imigração portuguesa é bastante diversificada, composta por industriais e comerciantes, humildes trabalhadores, pessoas que enfrentavam dificuldades no campo, fugitivos das perseguições políticas e do serviço militar obrigatório. Anteriormente a implantação do regime salazarista, a imigração portuguesa pode ser vista majoritariamente como uma imigração econômica, em busca de melhores condições de vida e do sonho de “fazer a América”. Depois de 1926 apesar de grande parte da imigração ainda acontecer por motivos econômicos, passam a ser frequentes as imigrações por motivos políticos, especialmente entre artistas e intelectuais perseguidos pelo regime salazarista, o medo da prisão e a perda de empregos são os grandes motivos dessas fugas para o Brasil. Além disso com as guerras de independência em território africano, muitos dos imigrantes estavam fugindo do recrutamento militar obrigatório, que os levaria para as guerras em África. O perfil desses imigrantes também é diferente. O chamado imigrante econômico é normalmente, o homem que viaja sozinho, analfabeto, que vem para trabalhar nas lavouras de café. Enquanto o imigrante político em geral, é o estudante, ou o intelectual que vem para trabalhar nas universidades, ou em grandes jornais.

Junto com o grande número de imigrantes portugueses, vão surgindo associações ligadas a esta comunidade. A partir da metade do século XIX surgem em São Paulo e Santos associações assistencialistas para os imigrantes que necessitavam, como as Santas Casas e as Beneficências Portuguesas.⁴ Já no século XX surgem outros tipos de associações, mais ligados a valores culturais e políticos como, por exemplo, a Casa de Portugal e o Centro Republicano Português. A casa de Portugal surge em 1935 com o intuito de unir nela, várias das associações portuguesas existentes na cidade, além de prestar assistência à comunidade em várias esferas, e promover a cultura e o idioma português. Quando surgiu a Casa de Portugal haviam dois projetos distintos, um liberal, que foi o projeto sob o qual foi criada a Casa de Portugal, e um segundo projeto se cunho salazarista, que pretendia fazer associações com outras Casas de Portugal para difundir a

⁴ FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

propaganda do regime. Em 1941, esse segundo projeto passa a dirigir a Casa de Portugal de São Paulo.

Durante meados da década de 1950 até o fim do regime salazarista, O Centro Republicano Português, foi uma das associações mais importantes para a articulação de uma resistência anti-salazarista no exílio. O Centro Republicano foi o aglutinador dessa resistência, que acabou formando o jornal *Portugal Democrático*.⁵⁵ E que após a Revolução dos Cravos, formou outra instituição, de nome Centro Cultural 25 de Abril, que existe até hoje, segundo Sonia Maria de Freitas:

O Centro é uma entidade de caráter apartidário e, sobretudo, de caráter cultural. Fundado em 25 de abril de 1982, tem por finalidade a realização dos seguintes objetivos fundamentais: promover a permanência dos valores contemporâneos da lusofonia; congregar cidadãos de origem brasileira e portuguesa e estimular o seu relacionamento franco e igualitário; desenvolver práticas culturais, sociais e recreativas, com o objetivo de promover e divulgar a cultura portuguesa no Brasil e as datas e acontecimentos históricos dos dois países compatíveis com os ideais e valores democráticos e progressistas de direito a vida e à liberdade.⁶

Um exemplo recente é a incorporação do Dia 25 de Abril, dia que marca Revolução Cravos, movimento que deu fim ao regime autoritário português, no calendário oficial da cidade de São Paulo.

IMPrensa IMIGRANTE E O *PORTUGAL DEMOCRÁTICO*

A imprensa brasileira surgiu tardiamente, só em 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil. Desde o início até 1880 a imprensa existente no Brasil majoritariamente era engajada em questões políticas e sociais. A partir da segunda metade do século XIX, começam a surgir publicações voltadas para outros públicos, como as mulheres e os imigrantes. Entre os anos de 1888 e 1930, com o fim da escravidão e depois com a industrialização da cidade, chegam a São Paulo inúmeros imigrantes, entre eles trabalhadores ligados à imprensa, como jornalistas, ilustradores, fabricantes de papel, e também intelectuais e líderes operários. Nesse momento surgem dois novos tipos de

⁵ SILVA, Douglas Mansur da. *O exílio e a memória da “resistência” Antissalazaristas do Portugal Democrático*. In. BIANCO, Bela Feldman. (Org). *Nações e Diáspora. Estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

⁶ Ibidem, p.141.

imprensa, a operária e a imigrante. A imprensa imigrante que se manteve no Brasil, foram os jornais que mais do que dar notícias, adquiriram uma função social, como as associações, os clubes, ajudando a preservar a cultura dos imigrantes.

Sobre a função dos jornais imigrantes Marcelo Cintra de Souza explica:

Percebe-se que a vocação dos periódicos passa a ser a preservação da língua e dos valores culturais da terra de origem. Notícias da terra natal ganham maior destaque que as dos núcleos coloniais, e o jornal colonial passa a ser o fio condutor do *espírito vivo da nacionalidade*, transformando-se no porta-voz do amor à pátria por seus filhos distantes. Além da função de revivificador das raízes deixadas no além-mar, o jornal dos imigrantes incorpora outras, como as de órgão assistencialista, de formação moral, de divulgador cultural...⁷

As publicações da comunidade portuguesa são muito antigas em São Paulo, ha registro de jornais portugueses de 1897. Os jornais da comunidade portuguesa, tinham a melhor estrutura em relação a outras comunidades imigrantes, e chegavam a competir com a tiragem dos jornais nacionais.

O jornal *Portugal Democrático* faz parte dessa chamada imprensa imigrante, mas a maior diferença dela para outros jornais dessa comunidade é a crítica existente em suas paginas. Esse periódico foi criado em 1956, por dois exilados portugueses, com o intuito de denunciar os feitos do regime salazarista à comunidade portuguesa fora de Portugal. Apesar das dificuldades iniciais, o jornal acabou sendo um dos veículos anti-salazaristas mais importantes, e com maior circulação. Apesar de ser editado em São Paulo, circulava por diversas capitais brasileiras, e também era enviado a outros países como, por exemplo, Uruguai, Venezuela, França, EUA, Canadá, e chegava clandestinamente até mesmo a Portugal.

O jornal iniciou a sua circulação em 1956, depois de um ano surgiram dificuldades para a publicação, que foi interrompida até meados de 1958. O jornal sofreu com a aceitação da comunidade chamada de oficial, que em sua maioria era composta por simpatizantes do salazarismo. Nesse momento, quando o jornal retoma sua circulação, Portugal é um assunto em voga, por conta da campanha eleitoral do General Humberto Delgado à presidência do Conselho de Ministros. Daí em diante, o *Portugal Democrático* terá uma longa vida, suas publicações aconteceram até 1975, um ano após o fim do regime

⁷ SOUZA, Marcelo Cintra de. *A Imprensa Imigrante. Trajetória da Imprensa das Comunidades Imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

autoritário em Portugal. Durante esse longo período em que o periódico foi publicado, sofreu com alguns problemas como, brigas internas causadas por divergências políticas, o jornal teve colaboradores de diversas tendências políticas, monarquistas, republicanos, socialistas, comunistas, democratas, o que acabou gerando conflitos. Além disso, no ano de 1964 com o golpe militar no Brasil, muitas das pessoas que colaboravam com o jornal acabam se afastando com medo das possíveis repressões. O jornal acabou não sofrendo nenhum tipo de censura, seu corpo editorial acabou optando por não se envolver em assuntos da política brasileira, para não entrar em conflito com as autoridades deste país.⁸ O *Portugal Democrático*, foi a publicação anti-salazarista mais longa, e suas publicações não sofreram com a rígida censura do regime salazarista.

O *Portugal Democrático* tinha uma longa lista de colaboradores, em suas páginas escreveram tanto portugueses, como brasileiros podemos citar entre ambos, figuras importantes como, Vitor Ramos, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Joaquim Barradas de Carvalho, Adolfo Casais Monteiro, entre os portugueses e entre os brasileiros, Ligia Fagundes Telles, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Carlos Guilherme Mota, entre muitos outros. O jornal além de ter matérias escritas por vários intelectuais, também reproduzia algumas matérias publicadas por outros jornais, dos mais variados países, desde que tivessem se posicionando contra o regime totalitário português.

Existiram alguns assuntos recorrentes nas páginas e manchetes do jornal, o General Humberto Delgado foi notícia inúmeras vezes, pela sua candidatura ao Conselho de Ministros, por seu assassinato. Outro assunto que aparece em muitos números é a questão Africana, o apoio do jornal a descolonização, e as Guerras de Independência.⁹ Outra questão que aparece constantemente nas linhas do jornal, são as perseguições aos intelectuais, a repressões a cultura feitas pelo regime autoritário. Essa será uma preocupação de vários editoriais do jornal e principalmente da coluna escrita por Joaquim Barradas de Carvalho, de nome “O Obscurantismo Salazarista” que foi publicada entre os anos de 1964 e 1970.

⁸ RAMOS, Ubirajara Bernini. “*Portugal Democrático*” *Um Jornal da Resistência ao Salazarismo Publicado no Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2004.

⁹ Entre 1964 e 1970 os dois temas citados aparecem em 17 manchetes do *Portugal Democrático*. Nos jornais; nº88, novembro de 1964; nº93, abril de 1964; nº94, maio de 1965; nº95, junho de 1965; nº103, fevereiro de 1966; nº110, setembro de 1966; nº112, novembro de 1966; nº126, fevereiro de 1968; nº127, março de 1968; nº128, abril de 1968; nº130 junho de 1968; nº137, fevereiro de 1969; nº142, julho de 1969; nº149, abril de 1970; nº152, setembro de 1970; nº153, outubro de 1970; nº154, dezembro de 1970.

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO E “O OBSCURANTISMO SALAZARISTA”

Joaquim Barradas de Carvalho foi um dos intelectuais perseguidos pelo regime salazarista, refugiou-se na França primeiro, e depois no Brasil. Em 1946 se formou em história e filosofia pela Universidade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1961 tornou-se doutor em estudos ibéricos pela Universidade de Paris, e logo depois em 1964, foi convidado para lecionar na Universidade de São Paulo. Aqui no Brasil, se juntou a oposição anti-salazarista em torno do jornal *Portugal Democrático*. Barradas era um historiador das mentalidades, foi discípulo de Braudel e Lucien Febvre, sua importância na Universidade de São Paulo é justamente porque ele soube combinar o pensamento dos *Annales* com o pensamento marxista. Carlos Guilherme Mota em um artigo sobre Joaquim Barradas, explica sua importância “Com Barradas ficava definitivamente plantada uma *nova linhagem de História das Mentalidades na historiografia brasileira*”.¹⁰

Barradas de Carvalho foi colaborador do *Portugal Democrático* durante o tempo que permaneceu no Brasil, entre 1964 e 1970. Foi o escritor de uma coluna chamada “O Obscurantismo Salazarista”, que procurava mostrar as repressões e perseguições realizadas contra os intelectuais portugueses, e como isso prejudicava a vida universitária portuguesa.

O trecho a seguir da coluna “O Obscurantismo Salazarista”, ilustra como Barradas vê a repressão, podemos até perceber certa ironia em suas palavras, quando diz “armados-até-aos-dentes-com-canetas-de-tintas-permanentes”:

As últimas notícias que nos chegam de Portugal, após a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, mostram bem o pânico existente nas hostes salazaristas. Algumas centenas, não muitas de escritores, “armados-até-aos-dentes-com-canetas-de-tintas-permanentes” (1), fazem tremer o “solido” edifício salazarista! Assim, parece não haver memória, na infelizmente já longa história do obscurantismo salazarista de uma vaga de repressão como a que estão vivendo os corajosos intelectuais portugueses.¹¹

¹⁰ MOTA, Carlos Guilherme. Joaquim Barradas de Carvalho. In Revista Estudos Avançados, 1994.

¹¹ PORTUGAL DEMOCRÁTICO; número 98, página 4, setembro de 1965.

A coluna fez parte do jornal durante seis anos, mas não era publicada todos os meses, durante esse período a coluna apareceu no jornal 17 vezes.¹² Outros escritos do professor Barradas de Carvalho foram publicados no jornal, porem sem serem assinados, além de serem transcritas algumas palestras dadas por ele em eventos, como a comemoração de 5 de Outubro (dia que se comemora a República Portuguesa), ou a conferencia sobre o fascismo português na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.¹³

O tema dos intelectuais e da cultura, sempre foi uma preocupação do jornal, como fica claro na leitura da apresentação do jornal em sua edição de número um:

...a política que pretendemos realizar e a missão que temos a cumprir são, pura e simplesmente, **servir o Portugal Democrático com verdade e independência...** A cultura portuguesa, que nas ultimas décadas tantos atentados tem sofrido, merecer-nos-á especial carinho...¹⁴

E a coluna sobre o chamado “obscurantismo salazarista”, coloca o tema em pauta ainda mais. Havia muitas matérias vinculadas a essa temática nos jornais, mesmo antes da existência da coluna.

Nos escritos de Barradas para o *Portugal Democrático* que não fizeram parte dessa coluna, aparecem outros temas além da dos temas que são constantes na coluna. Alguns escritos são sobre o assassinato do General Humberto Delgado, ou sobre outras figuras importantes, mas de modo geral, seus escritos para o jornal tinham uma inclinação para as questões culturais e os intelectuais.

Barradas de Carvalho deixou o Brasil em 1970 rumo a França. Voltou a Portugal depois do fim da ditadura salazarista, mas faleceu poucos anos depois, sem o reconhecimento que esperada do novo governo português. Sobre sua saída do Brasil o *Portugal Democrático* explica aos seus leitores:

¹² A coluna “O Obscurantismo Salazarista” aparece nos jornais: n°85, agosto de 1964; n°86, setembro de 1964; n°87, outubro de 1964; n°90, janeiro de 1965; n°91, fevereiro de 1965; n°92, março de 1965; n°94, maio de 1965; n°95, junho de 1965; n°96, julho de 1965; n°97, agosto de 1965; n°98, setembro de 1965; n°106, maio de 1966; n°109, agosto de 1966; n°111, outubro de 1966; n°115, fevereiro/março de 1967; n°122, outubro de 1967; n°125, janeiro de 1968.

¹³ As comemorações do dia 5 de outubro de 1964, aparecem nos jornais n°88 de novembro e n°89 de dezembro ambos de 1964. A conferencia sobre o fascismo português na PUC-SP aparece no jornal n°134 referente aos meses de outubro e novembro de 1968

¹⁴ *PORTUGAL DEMOCRÁTICO*; número 1, página 1, julho de 1956

A convite do Centro Nacional de la Recherche Scientifique da França, onde vai realizar importantes pesquisas históricas, partiu para Paris, no início de Fevereiro, o nosso companheiro de redação Joaquim Barradas de Carvalho que durante vários anos foi responsável pela cadeira de História Ibérica na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Todos quantos trabalham em “Portugal Democrático”, embora orgulhosos pela honra com que foi distinguido Barradas de Carvalho não podem deixar de lamentar a perda do convívio cotidiano com o companheiro de redação que tantos serviços prestou ao combate travado no Brasil contra o salazarismo e o caetanismo e que tão alto soube erguer na Universidade de São Paulo o prestígio da cultura e da historiografia portuguesas.¹⁵¹⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- HACKER, Alexandre; MATOS, Maria Izilda; SOUSA, Fernando de; (Orgs.). *Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses*. Bauru: EDUSC, 2008.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. “Portugueses: Deslocamentos, Experiências e Cotidiano. São Paulo Séculos XIX e XX”. Bauru: EDUSC, 2013.
- MOTA, Carlos Guilherme. Joaquim Barradas de Carvalho. In Revista Estudos Avançados, 1994.
- OLIVEIRA, Fábio Ruela de. *Trajetórias Intelectuais no Exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. Tese de Doutorado. UFF, 2010
- QUEIROS, Guido Fabiano Pinheiro. *Os Espelhos de Barradas de Carvalho. Crônica política e historiografia de um exilado*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2008.
- RAMOS, Ubirajara Bernini. “*Portugal Democrático*” *Um Jornal da Resistência ao Salazarismo Publicado no Brasil*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2004.
- SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência: os exilados anti-salazaristas do “Portugal Democrático” (1956-1975)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2000.
- SILVA, Douglas Mansur da. *O exílio e a memória da “resistência”: antissalazaristas do Portugal Democrático*. In. BIANCO, Bela Feldman. (Org). *Nações e Diáspora. Estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.
- SOUZA, Marcelo Cintra de. *A Imprensa Imigrante. Trajetória da Imprensa das Comunidades Imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

¹⁵ PORTUGAL DEMOCRÁTICO; número 147, página 8, janeiro/fevereiro de 1970.

TORGAL, Luís Reis. *O Estado Novo, Salazarismo, Fascismo e Europa*. In:
TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru: EDUSC, 2001.

